ANDIÑACH, Pablo. *Cântico dos Cânticos. O fogo e a ternura*. Col. Comentário Bíblico. Petrópolis/São Leopoldo: Ed. Vozes/Ed. Sinodal, 1998, 128 p.

Comentário breve, que se lê com gosto e interesse, ajudando realmente o leitor a aprofundar e saborear esse "conjunto de poemas de amor, cheios de sensibilidade e erotismo, apresentados como diálogo entre uma mulher e um homem" (capa), que celebram e defendem, contra vários obstáculos, o seu amor. O comentário descarta as interpretações alegóricas e propõe "uma leitura natural do texto, reconhecendo em seu sentido óbvio uma porta para a exploração desse aspecto central da vida humana" (capa), que é a experiência de amor de um casal jovem.

A novidade maior do comentário é a proposta, por sinal bem fundamentada, de que os poemas do Cântico foram redigidos, em sua redação final, por uma mulher. "Seria portanto o único livro bíblico de uma *autora*. Isto dá ao comentário um cunho especial, uma vez que se assume que ela, a autora, tenha deixado nos poemas sua marca feminina e seu modo peculiar de viver a sexualidade e a vida. Ao mesmo tempo, a autora teria feito uma crítica sutil, mas firme, ao modelo salomônico de sexualidade, marcado pela frivolidade e a poligamia" (capa).

O comentário se estrutura em duas partes: a introdução, ocupando 41 páginas, e subdividida em vários subtítulos que respondem com brevidade mas consistência às muitas perguntas do leitor, e o comentário como tal, ocupando 79 páginas, e subdividindo o texto em 25 poemas, além do título inicial.

A introdução propriamente dita, que aborda as questões usuais de data de composição, autoria, contexto social, estrutura literária, lugar no cânon, e as várias interpretações (p. 18-30), é antecedida por um prólogo (p. 7-8) e por "Pistas para a leitura" (p. 9-17). Nestas, após sugerir "dois caminhos", isto é, duas maneiras de usar o comentário, P. Andiñach reflete sobre "fé, sexualidade e política" (p. 10-12); discorre sobre o gênero "poesia e amor", alertando que vai intercalar, no comentário, poemas de amor antigos, de procedência suméria, acádica, egípcia e hitita (p. 12); justifica a sua hipótese de que o "autor" do Cântico é uma "autora" (p. 12-14); justifica, também, a interpretação natural, em vez da alegórica (p. 14-15); responde à pergunta sobre "poesia secular na Bíblia" e alerta para "o que o Cântico não diz" (p. 15-16); por fim, conclui as "pistas" com uma advertência geral sobre a tradução, que ele apresenta como própria (p. 16-17).

Além das mencionadas "pistas" e da introdução, Andiñach aborda ainda a "estética do Cântico: paisagem, aromas, animais, corpos" (p. 31-33); a "ética do Cântico:

amor, erotismo e ternura" (p. 34-36); a "teologia do Cântico", fazendo a pergunta: "há teologia no Cântico"? (p. 37-40); o "lugar do Cântico na vida das Igrejas" (p. 41-43), item em que ele começa afirmando: "As Igrejas cristãs não deram ao Cântico um lugar significativo em suas liturgias" (p. 41); propõe "chaves hermenêuticas" (p. 44-45), realmente preciosas para a leitura proveitosa do Cântico; e enfim apresenta uma interessante "bibliografia comentada" (p. 46-48), citando comentários ao Cântico em inglês, francês, italiano, espanhol, além de artigos em revistas latino-americanas e brasileiras, ressaltando as contribuições de RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana), da Revista Bíblica (argentina) e de "Estudos Bíblicos" (Vozes). Na bibliografia brasileira, senti falta do grande comentário brasileiro de Luís I.J. Stadelmann, *Cântico dos Cânticos*, Ed. Loyola, SP, 1993, 224 p., com o texto hebraico transliterado, bem como de Ivo Storniolo e Euclides Balancin, o pequeno mas sugestivo *Como ler o Cântico dos Cânticos. O amor é uma faísca de Deus*, Ed. Paulinas, 1991, 54 p.

No comentário como tal (p. 49-128), evidenciam-se de modo geral a concisão, objetividade, pertinência do comentarista. Quanto às citações dos poemas de amor extrabíblicos, muito interessantes como paralelos ao texto, creio que deveria ter havido uma referência à fonte de onde são tirados, para o caso de uma consulta. Como a coleção não costuma ter notas de rodapé, caberia um apêndice onde se encontrassem essas referências. Da mesma forma, senti falta de uma informação sobre que livro ou parte do Talmude nos traz as mencionadas observações "sobre as mulheres estrangeiras de Salomão" (p. 89).

Quanto aos poemas que descrevem as partes do corpo, e que o comentarista informa pertencerem ao gênero literário "wasf", palavra árabe que significa "descrição" (p. 90), creio que valeria a pena lembrar versos semelhantes no Sirácida/Eclesiástico, p. ex., quando ele compara as "pernas formosas" a "colunas de ouro" e o "rosto da mulher" a uma "lâmpada que brilha" (Sir 26,21-22), etc. A propósito, a cronologia do Sirácida na introdução está um pouco defasada: Andiñach o situa por volta de 220", quando é mais provável que a redação final tenha ocorrido depois do início do domínio selêucida, isto é, cerca do ano 180 dC, como o demonstro no meu comentário (Pereira, N.B., *Sirácida ou Eclesiástico*. Vozes/Sinodal, 1992).

Quanto à decidida rejeição da leitura alegórica do Cântico (p. 25), pelo fato de assim velar-se o seu sentido natural óbvio, penso que não se deveria, apesar de tudo, perder de vista a revelação que Oséias nos faz do amor de Javé por seu povo em termos de relacionamento conjugal. Assim, creio que teria valido a pena uma referência ao admirável poema de Os 2,4-25, relacionando-o com o Cântico. É algo semelhante o que Paulo faz na Carta aos Efésios, embora sem referir-se ao Cântico, quando alude ao "mistério grande", isto é, ao sentido teológico profundo que se encontra na relação entre homem e mulher. E essa união, diz Paulo, "refere-se a Cristo e à Igreja" (Ef 5,31-32). Isto é, uma leitura "natural" do Cântico, feita por um cristão, deveria abrir-se, penso eu, à dimensão mistérica, ou seja, "sacramental", do amor. P. Andiñach evidentemente

não o nega, mas, pela justa insistência na interpretação natural, literal, desses poemas de amor, ele o cala.

Agora, alguns detalhes quanto ao texto, traduzido do original espanhol por Lúcia Mathilde Endlich Orth, certamente com a supervisão do autor: 1) na p. 55, no final da primeira linha: "além *de* mais alheio", em vez de: "além *do*"; 2) na p. 61, na primeira linha: "pendurada *ao* pescoço", melhor do que "*no* pescoço"; 3) na p. 63, comentando 2,1: "A mulher... o expressa *sem constrangimento*", melhor do que "*sem vergonha*"; 4) na p. 78, quarta linha: "*Ela* se exporia"... e não "*Ele*"; 5) na p. 83, na metade da página, que significa: "coloca Salomão na esterilidade do *páramo*"? seria "do *ermo*"? 6) na p. 88, na penúltima linha embaixo: "havia *traído* seus ídolos... *no* seio da sociedade", ler: "havia *trazido... ao* seio"? 7) na p. 96, na antepenúltima linha embaixo, não está claro quem são "eles": é o casal? 8) na p. 97, a tradução de 4,13: teus *rebentos*, ou *renovos*, melhor do que "*brotos*"? 9) na p. 100, embaixo, a tradução de 5,10: "radiante *e corado*", melhor do que "... e *trigueiro*"? 10) na p. 108, é interessante a proposta de tradução de 6,4c e 6,10d: "*assombrosa como grandes maravilhas*", em vez da tradicional "terrível como um exército em ordem de batalha" (AM), ou "terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas" (BJ) e que Stadelmann traduz: "esplêndida como as constelações"; 11) na p. 121, a tradução de 8,6d, "paixão implacável *como túmulo*": por que não, literalmente, "como o Xeol" ou, como na BJ, "como o Abismo"? 12) na p. 124, a tradução de 8,10d: "como quem encontrou a paz" ou, melhor: "como quem lhe traz a paz". A BJ traduz: Sou, aos seus olhos, a mensageira da paz"...; 13) na p. 126, embaixo, explicitar que tipo de "autoria" do poema "não provocaria maiores alterações": evidentemente, pelo visto, a autoria "feminina"; 14) na p. 127, a tradução de 8,13c: "*Deixai*-me ouvi-la", e não: "Deixa-me..."

Concluindo, penso que este comentário de Pablo Andiñach corresponde aos propósitos da Coleção "Comentário Bíblico", iniciada em 1985 com o objetivo de propor e difundir uma leitura nova da Bíblia feita pelo próprio povo cristão da América Latina, do qual os comentaristas católicos e protestantes, aqui radicados, procuram ser os porta-vozes. P. Andiñach consegue ressaltar a perspectiva feminista dominante no livro, mostrando, entre outros argumentos, os seguintes: o Cântico começa e termina com a voz da mulher; é o único livro da Bíblia em que a mulher fala em primeira pessoa, sem mediações; há dois casos em que a voz do homem está mediada pela da mulher (2,8.10 e 5,2); fala-se várias vezes de "mãe" e nunca de "pai"; enfim, o "desejo", que em Gn 3,17 impele a mulher ao homem, no Cântico, em 7,11, traz o homem para a mulher. Andiñach ressalta igualmente o conflito em que o Cântico se engaja contra o modelo salomônico de sexualidade: contra a poligamia, o Cântico é monogâmico; contra a ostentação e luxo da corte, o Cântico é simples, natural, campestre. Se o amor do Cântico é clandestino, porque enfrenta interesses contrários, entretanto não é "amor livre", mas decididamente fiel – *meu amado é para mim, e eu para ele* (2,16; 6,3; 7,11) – mesmo sem mencionar a legitimação oficial de um casamento propriamente dito.